



português ao serviço do mundo

A criação da Portline deu-se em 1984, por iniciativa do Estado Português, mas os seus antecedentes levam-nos a recuar mais atrás. Na sua génese, estiveram as antigas CNN – Companhia Nacional de Navegação S.A. e CTM – Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos S.A., empresas herdeiras da vasta tradição nacional que existe neste domínio. No momento da sua extinção e da subsequente fundação da Portline, surgiu, em simultâneo, a Transinsular. Se esta última apareceu com uma vocação para o transporte doméstico, entre o continente e as ilhas, a Portline concentrou a componente internacional, algo que permanece fortemente refletido no dia-a-dia da empresa.

Numa fase inicial, a Portline era proprietária de navios mas, em função das diversas mutações que foi sofrendo (inclusivamente ao nível da sua estrutura acionista), a sua atividade transitou para o fornecimento de serviços. Explicando, Cristina Alves diz-nos que, hoje, “a empresa é gestora de navios,

A Portline é uma empresa nacional, que é cada vez mais uma referência a nível internacional no âmbito do transporte marítimo. Fomos conhecer melhor a sua atualidade, em diálogo com a sua CEO, Cristina Alves.

tal como se fosse um armador mas sem ter a propriedade de nenhum dos navios” que opera. O que não deixou de ficar foi “toda uma estrutura em que as pessoas são as mesmas e os serviços também” e, por conseguinte, a Portline mantém-se capacitada para efetuar toda a “gestão técnica, comercial, humana ou administrativa” que esteja inerente à atividade.

Este trabalho é desenvolvido mediante a celebração de contratos com os armadores de cada navio, sendo que, de momento, são 16 (compreendidos entre as 51 mil e 176 mil toneladas de DWT) os que estão entregues à gestão da Portline. Os seus parceiros comerciais são das mais diversas prove-

niências (europeus, americanos, árabes ou chineses, por exemplo) e uma importante diferenciação é, justamente, essa. Retomando aquilo que já foi dito sobre a vocação inicial da empresa, a Portline encontra-se “100% virada para o comércio internacional”.

Acerca das razões para esta afirmação junto de cenários tão vastos e diversos, Cristina Alves começa por dizer que “a Portline tem, felizmente, um belíssimo nome no mercado, por vários motivos”. Explicitando: “Somos todos muito profissionais e tenho aqui dentro desta empresa pessoas com muita experiência. Por um lado, os nossos superintendentes e o nosso diretor técnico vêm do Instituto Superior Técnico, que, na área da Engenharia Naval, foi considerado a terceira melhor escola do mundo. Por outro, tenho aqui pessoas com muitos anos no mar e, portanto, existe aqui uma mistura entre um bom know-how teórico e uma grande experiência. A nossa equipa é muito qualificada, inteligente e trabalhadora e isso faz com que sejamos bons parceiros de negócio e com que saibamos o que andamos a fazer”.

No total, esta equipa é composta por 38 elementos, repartidos de forma quase equivalente entre homens e mulheres. A nossa interlocutora é comandante da marinha mercante e conta vários anos nesta casa, ao longo dos quais atravessou diferentes departamentos. Algo que diz ter-lhe dado “uma noção muito abrangente”, ainda que demonstre facilidade em admitir os limites daquilo que

sabe nesta ou naquela questão de natureza mais técnica. Acerca da relação do país com o mar, sente que “estão a ser tomados alguns passos em frente”, na medida em que “até há uns tempos, quando se falava no mar em qualquer congresso ou conferência, falava-se só de portos quando há muitas outras coisas. Há que chamar pessoas que estão nas escolas e fazer com que esta atividade lhes seja apelativa. Infelizmente, isto é um mal geral dos países desenvolvidos mas, mesmo assim, deveria haver mais incentivos para a entrada nestas profissões”.

Quanto aos passos que a Portline quer dar, “a ideia passa claramente por crescer” e já no próximo ano haverá novidades nesse sentido: “Vamos acrescentar quatro novos navios, com cerca de 63 mil toneladas de DWT. Tratam-se de navios muito modernos, dotados de garras e gruas, e esse é um segmento no qual estamos a apostar muito porque é bastante apetecível. São capazes de ir a zonas do globo onde não existem estruturas portuárias e, com estas garras e gruas, conseguem descarregar a carga mais facilmente. Esta característica dá-lhes uma grande flexibilidade e, para além disso, o facto de serem mais pequenos faz com que sejam muito menos afetados com a volatilidade do mercado. No caso dos maiores, os gráficos das oscilações do valor de mercado são como uma montanha russa, enquanto que, nestes casos, isso não acontece tanto porque quanto mais pequenos forem menores são essas variações”.



Portline Bulk
International S.A.



PORTLINE BULK INTERNATIONAL, S.A.

WE PROMISE, WE DELIVER

www.portline.pt